

Um novo jeito de produzir *baru*

Pesquisa da Embrapa pode transformar o cultivo de planta típica do Cerrado. Experimento une baruzeiro, café irrigado e culturas de ciclo curto para acelerar a produção dessa oleaginosa e garantir renda ao agricultor

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

Você conhece o baru? A castanha de baru é uma oleaginosa nativa do Cerrado brasileiro, com sabor semelhante ao do amendoim e alto valor nutricional. Rica em proteínas, fibras, ferro, zinco e gorduras insaturadas, como os ômega 6 e 9, ela contribui para a saúde cardiovascular, auxilia no controle do colesterol e fortalece o sistema imunológico. Geralmente, é consumida torrada e sem casca.

Considerada um superalimento, a castanha de baru vem conquistando espaço no mercado nacional e internacional. A crescente demanda, aliada ao seu elevado valor comercial, faz da cultura uma alternativa promissora de geração de renda para produtores rurais do Cerrado.

O fruto é produzido pelo baruzeiro, árvore nativa do bioma. Atualmente, a maior parte da produção, no entanto, ainda depende da coleta extrativista em áreas naturais, o que resulta em safras irregulares e imprevisíveis, insuficientes para atender ao aumento da demanda. Esse cenário evidencia a necessidade de desenvolver sistemas de produção comerciais mais eficientes e sustentáveis.

Com esse objetivo, a Embrapa Cerrados, no Distrito Federal, vem testando novos sistemas de cultivo em consórcio que integram o baruzeiro ao cafeeiro irrigado e a culturas anuais e bianuais de ciclo curto. Implantados há quatro anos, os experimentos são conduzidos pelo pesquisador Tadeu Graciolli, responsável pelo desenvolvimento do Sistema Filho – Fruticultura Integrada com Lavouras e Hortaliças. A proposta busca antecipar a pro-

dução do baru, diversificar a renda do produtor e tornar o cultivo da espécie economicamente mais viável.

Segundo Tadeu Graciolli, faltam sistemas de produção comerciais eficientes para essa espécie nativa do Cerrado. Para o pesquisador, um dos principais entraves para a expansão da cultura é o longo ciclo de desenvolvimento do baruzeiro. A árvore, de porte arbóreo e crescimento lento, leva de oito a 10 anos para atingir seu potencial produtivo, o que torna o cultivo comercial pouco atrativo para muitos agricultores.

Foi esse desafio que motivou o desenvolvimento de um sistema de cultivo consorciado. “Fomos estimulados a pesquisar soluções tecnológicas para o plantio do baruzeiro em consórcio com uma cultura agrônômica que já tivesse um modelo de produção mais consolidado e que fosse capaz de entrar em produção em menos tempo”, afirma.

Nesse contexto, o café surgiu como a alternativa mais promissora. “Pensamos no café, porque o Distrito Federal reúne condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da cafeicultura irrigada. O DF possui cerca de 500 hectares plantados, e a cultura já está consolidada no bioma, onde o clima e a altitude favorecem a produção de cafés de alta qualidade”, explica Graciolli.

O experimento

Os experimentos são realizados em uma área de 3.500 metros quadrados nos campos experimentais da Embrapa Cerrados, onde foram implantados dois modelos de cultivo consorciados: um em linha simples (LS) e outro em linha dupla (LD). Segundo o pesquisador Tadeu Graciolli, o espaçamento

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O pesquisador Tadeu Graciolli, da Embrapa Cerrados DF, mostra a espécie

entre as plantas de baru e de café é o mesmo nos dois sistemas. A diferença está na disposição das espécies. No sistema de linha simples, o baruzeiro é plantado na mesma linha dos cafeeiros. Já no sistema de linha dupla, uma linha de baruzeiros é inserida entre cada duas linhas de café.

Ao todo, os pesquisadores avaliam 10 clones de baru e três variedades de café arábica, com o objetivo de identificar os materiais mais produtivos e mais adaptados ao cultivo consorciado. As mudas de baruzeiro foram plantadas entre janeiro e fevereiro de 2022, enquanto os cafeeiros foram implantados entre fevereiro e março do mesmo ano. No sistema de linha dupla, a irrigação é feita por microaspersão, o que também permite a mecanização da colheita do café.

Os resultados iniciais dos experimentos são promissores. A primeira

safrade café foi colhida em maio de 2024, com produtividade média de cerca de 40 sacas por hectare. Já os baruzeiros apresentaram um desenvolvimento muito mais rápido do que o observado na natureza: pouco mais de quatro anos após o plantio, nove árvores já haviam florescido e começaram a produzir frutos, enquanto, em condições naturais, a espécie leva entre sete e 10 anos para iniciar a produção.

Ainda segundo o pesquisador, esse desempenho é resultado do manejo integrado do sistema, que inclui irrigação, controle de plantas invasoras e adubação das culturas consorciadas. Embora o baruzeiro não receba irrigação nem fertilização diretamente, ele aproveita a água e os nutrientes residuais destinados ao café e às culturas de ciclo curto.

Além dos cafeeiros, o sistema integra culturas anuais e bianuais de ciclo curto, que aproveitam a infraestrutura de irrigação já utilizada pelo café. Colhidas em poucos meses, essas culturas geram renda desde os pri-

meiros anos de implantação e ajudam a compensar os investimentos feitos no plantio do baruzeiro e do cafeeiro. Os resultados obtidos até o momento apontam boa produtividade tanto das culturas anuais quanto dos cafeais.

Segundo o pesquisador, essa é uma das principais vantagens do sistema integrado. Ao reunir diferentes culturas em uma mesma área, o consórcio entre baru, café e espécies de ciclo curto amplia a diversificação da produção e fortalece a sustentabilidade econômica da propriedade. “As culturas de ciclo curto vão proporcionar giro financeiro enquanto o baru ainda não entra em produção. Isso favorece o pequeno produtor rural para que ele consiga viver da exploração agrícola”, afirma.

Assim, o sistema foi concebido para garantir retorno econômico em diferentes horizontes de tempo: as culturas anuais e bianuais geram renda no curto prazo, o café no médio prazo e o baru no longo prazo, criando uma estratégia de produção mais equilibrada e rentável para o agricultor.

Eficiência

Além de antecipar a produção do baru, o sistema aumenta a eficiência no uso de água e insumos, diversifica a produção e fortalece a sustentabilidade econômica da propriedade. “São produzidos diversos produtos numa mesma área, o que traz sustentabilidade econômica. Isso favorece o pequeno produtor rural para que ele consiga viver da exploração agrícola”, destaca Graciolli.

Nos próximos anos, a equipe continuará acompanhando a produtividade do café e o desenvolvimento dos baruzeiros, além de selecionar as plantas mais produtivas e de crescimento mais rápido. A expectativa é de que, no futuro, o sistema sirva como modelo para o cultivo comercial do baru e contribua para tornar a espécie uma alternativa agrícola rentável para produtores do Cerrado.

Plantas de baru e de café são cultivadas em dois tipos de sistema, com disposições diferenciadas

ESCOLHA A $\times + - \equiv \%$
ESCOLA DO
 $+ \times$ **SEU FILHO** 2026



Entre em contato com a nossa equipe comercial e garanta a presença da sua marca:

